



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**FESTAS E CARETAS PARA JUDAS NO AGRESTE CENTRAL  
SERGIPANO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E SOCIABILIDADES**

São Cristóvão/SE

2019.2

**Anderson Sousa Barreto**

**FESTAS E CARETAS PARA JUDAS NO AGRESTE CENTRAL  
SERGIPANO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E SOCIABILIDADES**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em História do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, para obtenção do grau de licenciado em História.

Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

São Cristóvão/SE

2019.2

## RESUMO

A festa dos Caretas é uma manifestação cultural que ocorre em diversas partes do Brasil, que herdaram esse costume de portugueses e espanhóis, que se instalaram no país. Essas festas, com o passar do tempo, sofreram modificações empregadas pela própria população que a pratica. O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o estudo das festas de careta no agreste central sergipano e sua associação à malhação de Judas, ocorrida no sábado de aleluia. Para tanto, levou-se em consideração sua tradição em dois municípios: São Miguel do Aleixo e Ribeirópolis. O método utilizado para a pesquisa foi utilizando-se dos preceitos da História Oral, através de entrevistas realizadas com moradores locais, que organizam e participam da festa atualmente. A base teórica é composta por autores como Luís da Câmara Cascudo (2002), Mariza Peirano (1992; 2003), Ecléa Bosi (1994), René Girard (1998), Émile Durkheim (1996), dentre outros que ajudem a compreender a singularidade desse tipo de festas na relação entre sua história, sua memória e suas sociabilidades e nesse sentido perceber, também, as fronteiras entre o sagrado e o profano.

**Palavras-chaves:** Festa dos Caretas, Queima do Judas, Patrimônio Imaterial, Cultura popular.

## **ABSTRACT**

The Caretas party is a cultural event that takes place in different parts of Brazil, which inherited this custom from Portuguese and Spanish, who settled in the country. These parties, over time, underwent modifications employed by the population that practices them. The present work has as object of research the study of the parties of grimace in the central sergipano and its association with the training of Judas, that occurred in the hallelujah Saturday. For that, its tradition in two municipalities was taken into account: São Miguel do Aleixo and Ribeirópolis. The method used for the research was using the precepts of Oral History, through interviews with local residents, who currently organize and participate in the party. The theoretical basis is composed by authors such as Luís da Câmara Cascudo (2002), Mariza Peirano (1992; 2003), Ecléa Bosi (1994), René Girard (1998), Émile Durkheim (1996), among others that help to understand the singularity of this type of festival in the relationship between its history, its memory and its sociability and in that sense also perceiving the boundaries between the sacred and the profane.

**Keywords:** Feast of the Faces, Burning of the Judas, Intangible Heritage, Popular Culture.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	6
1. As festas de careta na História do Brasil (do carnaval à malhação do Judas).....	9
2. Festas de caretas em Ribeirópolis-SE.....	15
3. Festas de caretas em São Miguel do Aleixo-SE.....	23
CONCLUSÃO .....	31
FONTES E REFERÊNCIAS .....	33

## APRESENTAÇÃO

Este artigo tem como finalidade estudar a relevância sociocultural de dois patrimônios imateriais e culturais do Estado de Sergipe. As festas dos Caretas que são realizadas nas cidades de Ribeirópolis e de São Miguel do Aleixo. Essa pesquisa busca comparar as semelhanças que existem entres os dois objetos de estudo, como: a presença de brincantes mascarados; o uso da Alvorada como uma cerimônia que anuncia a festa e a presença da chamada banda de pífaros, que acompanham todo o cortejo do grupo folclórico.

Contudo, também serão apresentadas diferenças significativas sobre os dois objetos de pesquisa, como: datas anuais em que ocorre a festa, sendo que a festa de Ribeirópolis é realizada sempre na semana que antecede o Carnaval, já a festa de São Miguel do Aleixo, ocorre no Sábado de Aleluia, dentro da Semana Santa, no período da Quaresma para a religião católica; a presença do Judas que é queimado após o cortejo dos Caretas, na cidade de São Miguel do Aleixo e a duração da Alvorada que são diferentes em ambas as cidades, ocorrendo em horários distintos, com durações diferentes.

O interesse por esse objeto de pesquisa remete as memórias que as festas constroem àqueles que a vivenciam, um fato marcante que está presente em ambas às cidades, são as memórias afetivas que seus moradores têm desses festejos, o nosso interesse como historiador, deve-se ao fato de pesquisar aquilo que nos causa estranheza, que nos provoque a questionarmos o nosso entorno e a compreendê-lo em sua importância para com aquela comunidade. As festas dos Caretas, que são os objetos de pesquisa, deste artigo, possuem essas características essenciais que proporcionaram a realização desta pesquisa.

Durante o processo de pesquisa e de análise acerca da temática da Festa dos Caretas, muito já foi produzido acerca deste objeto, em várias regiões do nordeste brasileiro, em médias e pequenas cidades, são encontradas festas similares as que ocorrem no agreste sergipano. Contudo, esta pesquisa traz contribuições acerca dos Caretas de Ribeirópolis e de São Miguel do Aleixo, que até então não foram retratadas em outros trabalhos acadêmicos.

Sobretudo, por meio da pesquisa oral, usando a memória não apenas dos que criaram, fizeram ou fazem a festa atualmente e no passado, mas essa pesquisa traz o olhar dos moradores locais, de visitantes, que também compõe a festa, que as tornam parte importante da cultura local, além de ajudarem a preservar estes dois importantes patrimônios imateriais da cultura popular do Estado de Sergipe.

Entre os conceitos utilizados para este artigo, foram usados em especial três conceitos que sustentam as conclusões que foram encontradas durante a produção da pesquisa. O primeiro conceito foi o de “Careta”, trazido por Luís da Câmara Cascudo na sua obra *Dicionário do Folclore Brasileiro*, onde ele define qual a função da Careta usada durante as festas, pelos brincantes.

O segundo conceito usado foi o de “Lembrança”, trazido pela Ecléa Bosi na sua obra *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*, no qual ela explica que a lembrança que temos do nosso passado, é formada e preservada pela importância na qual damos àquela lembrança.

Por fim, o terceiro conceito usado foi o de “Estado de Efervescência”, trazido por Émile Durkheim na sua obra *As formas elementares da vida religiosa*, onde esse estado funciona durante as festas, entre os brincantes, que esquecem sua vida cotidiana, para participarem da festa, em um estado de euforia nas cidades.

Para a produção deste artigo, foi usada uma série de obras que nos proporcionaram uma base teórica para fundamentar as ideias que aqui foram expostas acerca das Festas dos Caretas das cidades de Ribeirópolis e São Miguel do Aleixo, entre essas obras podemos destacar três: *Histórias e Perspectivas* de Márcio Bonesso; *Uma antropologia plural: três experiências contemporâneas* de Mariza Peirano e por último, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o conceito de François Rabelais*, de Mikhail Bakhtin.

O uso de fontes para qualquer pesquisa histórica é de fundamental importância, para isso, foi usado para esta pesquisa acerca do tempo presente, sobretudo pela ausência de outros tipos de fontes, as fontes orais foram à escolha feita para essa pesquisa, a fim de registrar a trechos das memórias daqueles que criaram, fizeram ou fazem as festas dos Caretas em ambos os municípios, ao longo desta pesquisa foram entrevistados três (3) pessoas que participam da Festa dos Caretas de São Miguel do Aleixo, e na cidade de Ribeirópolis foram entrevistadas seis (6) pessoas que compõe a festa dos Caretas daquele

município. As entrevistas foram feitas em comum acordo com os entrevistados para fins exclusivos para a realização deste artigo.

Para que este trabalho tivesse uma contribuição positiva não somente para fins acadêmicos, mas também em relação à própria preservação da cultura popular e da história local, dos municípios então pesquisados, buscou-se uma divisão entre os temas da pesquisa, que permitisse ao leitor, uma ampla análise dos objetos aqui observados. Portanto, o artigo foi dividido em três partes: a primeira parte “As festas de careta na História do Brasil (do carnaval à malhação do Judas)”, onde o autor traz uma análise acerca das Festas dos Caretas no Brasil, além da discussão sobre a malhação do Judas, que ocorrem no período da Quaresma, especificamente no Sábado de Aleluia.

A segunda parte “Festas de caretas em Ribeirópolis-SE”, traz a observação do autor, a respeito da festa, dos seus participantes, mostrando como a festa acontece e acima de tudo trazendo o relato dos moradores locais, acerca da festa, daqueles que a fazem acontecer, que ajudam a preservá-la e como ela está inserida na memória afetiva daquela comunidade.

A terceira e última parte “Festas de caretas em São Miguel do Aleixo-SE”, assim como a parte anterior, esta também irá trazer a memória dos moradores para com a festa dos Caretas, além disso, também será discutida a presença da malhação do Judas, durante o cortejo, onde se mostra uma mescla entre as festas pagãs e católicas, a terceira parte tem como objetivo distinguir a festa de São Miguel do Aleixo, das outras que ocorrem na região.

## **1. As festas de careta na História do Brasil (do carnaval à malhação do Judas)**

A respeito da Festa de Reis. É certo que não existe uma única definição de como ocorrem às Festas de Reis pelo Brasil, até porque existem diversas manifestações da festa na cultura brasileira o que permite que haja alterações no decorrer dos anos da forma de como se apresentam. A propósito delas, BONESSO (2006) afirma que elas praticam uma variedade de rituais que se mantêm ao longo do tempo e estão sendo constantemente reinventados de acordo com as diferentes demandas sociais dos grupos que interagem na festa.

Os Reis foram festas populares na Europa, dedicadas aos Três Reis Magos em sua visita ao Deus Menino, ainda hoje existentes em várias localidades. Na Península Ibérica, eles continuam despertando a atenção de todos, porque é a época de se dar e receber presentes, os reis, de forma espontânea ou por meio de grupos com indumentária própria ou não, os quais visitam os amigos ou mesmo pessoas conhecidas na véspera dos Reis (5 de janeiro). Estas visitas se realizam durante o dia ou à noite, ocasião em que todos os visitantes cantam e dançam ou somente cantam versos alusivos à data, acompanhados de violões, cavaquinhos, pandeiros, tantã, e solicitam alimentos e dinheiro.

Segundo Durkheim,

(...) toda festa, mesmo que seja puramente laica por suas origens, tem certos caracteres de festa religiosa, pois, em todos os casos, ela tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. Tanto na festa como na cerimônia religiosa, o homem é transportado para fora de si, distrai-se de suas preocupações cotidianas. Em ambos observam-se as mesmas manifestações, como, por exemplo, gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças, busca de excitantes que aumentam o nível vital. Em ambas o excesso de transgressões se fazem presentes (1985, apud, PEREZ, 2003).

Em muitos Estados do Brasil, ocorre a mesma comemoração com o nome de Folia de Reis que apresentam as mesmas características. Folia era, no Portugal velho, uma dança rápida ao som de pandeiro, acompanhado cantos. Posteriormente, fixou-se tomando características, épocas e modos típicos diferentes, surgindo então a Folia de Reis. É tradicional nesta festa utilizar a arrecadação feita na Festa dos Reis para realizar uma ceia no dia de N. Senhora das Candeias (2 de fevereiro), com a participação de todos os elementos do grupo.

(...) em Portugal o uso ritual da máscara é pelo menos anterior à Inquisição, que condenou à fogueira vários mascarados. D. João V autoriza-as no século XVIII, ara embelezamento dos Carnavais palacianos e dos bailes da corte, enriquecidos pelo brilho passageiro do ouro do Brasil (...) A solenização do tempo com as liturgias mascaradas foi costume pagão nas festas romanas das Juvenais e também dedicadas a Baco, as Bacanais (...) (TIZA, 2006, p. 35).

A festa dos Caretas é uma manifestação cultural que ocorre em diversas cidades do Brasil, que herdaram esse costume de europeus e espanhóis, que vieram para este país, na época da colônia. Contudo, mesmo que a festa seja uma herança da cultura europeia, no que tange a sua formação, o modo como nós, brasileiros, em diversas cidades, realizou a festividade, se difere muito do que são praticadas na Europa, as próprias festas que ocorrem no Brasil, são realizadas de maneiras distintas, em datas diferentes, por conta das transformações que ocorreram aqui, com a inserção desse costume, com outras culturas, como a indígena e africana, ao longo do tempo. Essas festas tiveram modificações empregadas pela própria população que a pratica. Por conta disso, é certo, afirmamos que a festa ocorre de maneiras diferentes, por conta das localidades onde ela está inserida.

O comportamento dos mascarados durante o cortejo da festa lembra a alegria da bicharada de Reis de Boi, no norte do Espírito Santo; aquele comportamento de uma alegria amalucada irreverente, de liberdade, de criatividade; a materialização de um imaginário popular, da alegria e do medo, das recordações da infância à vida adulta, do bicho-papão e do congoçamento com os seus comuns pela sua identificação cultural (MAZOCO, 2003, p. 33).

A festa em sua versão original tinha o caráter de ser uma homenagem ao Deus Dionísio, da mitologia grega, onde as mascaras são usadas para que as pessoas possam se transformar em suas versões mais profanas. Segundo PEREZ, “(...) a festa é, (...) um ato coletivo extra-ordinário, extra-temporal e extra-lógico.” A mascara tem a intenção de permitir ao seu usuário de praticar todas as suas vontades proibidas, que no dia-a-dia, não seria possível. CASCUDO afirma: “a Careta significa falsa cara, e constitui sinônimo popular de máscara, elemento indispensável para a realização da festa”.

Ainda a respeito do uso de máscaras durante a festa, DUVIGNAUD, 1983 reafirma o seu uso, não apenas como acessório decorativo, mas também como manifestações do além, intercomunicação com o outro e o usuário, participação de uma

casta privilegiada e como instrumento de dominação pelo terror. As máscaras são utilizadas em festas de reis e caretas, desde a antiguidade, contudo seu uso permaneceu inalterado, pela sua importância cultural e significativa para com a comunidade onde a festa é vivenciada.

Durante a idade média, a festa foi transmutada para se uma festa em homenagem aos três reis magos, que de acordo com os escritos bíblicos, visitaram o menino Jesus, em seu nascedouro, dando-lhe presentes. Desde então, a festa está ligada ao Dia de Reis. Contudo, ao chegar ao Brasil, à festa passa por outra transformação, novamente sofrendo uma adaptação da festa profana, sendo ligada a uma data da religião católica. Agora, o Sábado de Aleluia, durante a Semana Santa, realizada no período da Quaresma, que se encerra na Páscoa, celebrando a Paixão de Cristo, para os católicos.

Tradição da Península Ibérica radicou-se em toda a América Latina desde os primeiros séculos da colonização europeia. O sacrifício do mau apóstolo é uma convergência de tradições vivas no trabalho agrícola. Antes do suplício do Judas faz-se a leitura do testamento, em versos, geralmente satirizando pessoas e coisas da comunidade (CASCUDO, 1979, p. 312).

No Nordeste, principalmente, a festa teve a introdução da queima do Judas, como é o caso, da Festa das Caretas de São Miguel do Aleixo-SE, que discutiremos em seguida. A queima do Judas é um acontecimento importante que ocorre na festa atualmente, o que acaba tornando a festividade, uma cerimonia religiosa da Igreja Católica, em algumas localidades, tendo a intensa participação do corpo eclesial das cidades. Segundo AZZI, (1978, p. 124): “Não sabemos em que época a malhação de Judas foi anexada como costume à Semana Santa, no Sábado de Aleluia. Temos uma referência de fins do século XVIII em que esse ritual era celebrado na véspera de São Pedro, portanto no ciclo junino”.

Em sua grande maioria, a festa dos Caretas, ocorre em cidades do interior, dos estados do Nordeste, cada uma com suas especificidades. Para este trabalho, iremos analisar duas festas que ocorrem em duas cidades do Interior de Sergipe, em Ribeirópolis e São Miguel do Aleixo. As duas cidades realizam a festa, porém, ocorrem em datas distintas. A festa de Ribeirópolis ocorre no mês de Fevereiro, sendo ligadas as tradições em que a festa é em homenagem aos Três Reis Magos, também se ligando ao Carnaval, como festa profana, onde BAKHTIN (2008), afirma:

(...) o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade (...) durante o carnaval é a própria vida que representa e por certo tempo o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular da existência (p. 6-7).

Já a festa de S. M. do Aleixo, ocorre no mês de Abril, sendo esta realizada sempre aos Sábados de Aleluia, durante a Semana Santa, estando ligada a Igreja Católica, praticando a tão famosa queima do Judas, ao final da Festa. A malhação de Judas, é uma cerimônia que ocorre dentro da Igreja Católica, desde os seus primórdios, CARNEIRO, 2008, alega:

Nos primeiros séculos do Cristianismo, haveria a necessidade – a bem dizer política – dessa triste cerimônia. Os cristãos, partidários de uma religião ilegal dentro do onipotente Império Romano, reuniam-se em catacumbas, em lugares esconsos, sob o maior mistério – e era necessário criar uma consciência contra o delator, contra os possíveis Judas (CARNEIRO, 2008, 31-32).

Mesmo que as festas ocorram em datas e meses diferentes, ambas as festas possuem semelhanças que devem ser analisadas nesta pesquisa. Em especial, o uso das caretas, máscaras que são usadas pelos brincantes da festa, que se manifestam nas duas localidades, com forte apreço dos moradores e visitantes. Homens transfigurados com roupas femininas, saem pelas ruas das cidades, levando alegria, medo e curiosidade aos espectadores, DUARTE, p, 26, afirma: “Ele é masculino, mas seu traje e seus cabelos são próprios de mulher. Ele une o jovem e o velho, que participam com o mesmo vigor nos ritos dionisíacos”. Ainda sobre os chamados “Caretas”, DETIENNE, 1988, expõe em seu texto, o teor misterioso que os brincantes despertam durante a festa: “Através da máscara que lhe confere sua identidade figurativa (...) É sempre um estrangeiro, uma forma para ser identificada, um rosto para ser descoberto, uma máscara que o esconde tanto quanto revela”.

As principais diferenças que estas duas festas possuem, no que tange as datas que ocorrem, e pela motivação das festas, explica o fato, de que em algumas cidades, a festa é realizada em tom carnavalesco e profano, é o caso das festas que são realizadas nas datas de Fevereiro, por causa do Carnaval, essas festas com o passar do tempo, ganharam ares de carnavalesco, tendo outros adereços que a acompanham e que tornam o festejo ainda mais

profano, distanciando-se das festas religiosas e se aproximando de festas de ruas, como um grande Carnaval realizado com as máscaras nas ruas das cidades. É o caso de Ribeirópolis.

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão o carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O Carnaval possui um caráter universal é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no profundamente, (BAKHTIN, 2008, p. 6)

Contudo, as festas ligadas ao mês de Abril, tendem a ter um desenvolvimento da festa muito mais sombrio, sendo mais ligada a movimentos da igreja católica, por estar inserida na Semana Santa. A festa deixa de ter ligações com o profano e se aproxima das festas religiosas, comuns em cidades interioranas, como festas do padroeiro, da Páscoa e etc. a festa dos Caretas que ocorre em S. M. do Aleixo, se assemelha muito com essa temática. Segundo GENNEP, 1977, p. 146, “as crenças religiosas expressam a consciência que a sociedade tem de si mesma, a estrutura social é creditada com poderes punitivos que a mantém existente”. Sendo iniciada a meia-noite da Sexta-feira da Paixão para o Sábado de Aleluia, tendo um cortejo pelas ruas da cidade, com a presença das figuras eclesiais da cidade e no decorrer do dia, ao final da festa, ocorre a tradicional queima do Judas, prática extremamente significativa e representativa para os católicos.

A figura indispensável, capital, é a do Judas, de blusa branca (pequeno dominó branco de capuz, usados pelos condenados); suspenso pelo pescoço a uma árvore e segurando uma bolsa suposta cheia de dinheiro, tem no peito um cartaz quase sempre concebido nestes termos: eis o retrato de um miserável, supliciado por ter abandonado seu país e traído seu senhor (DEBRET, 1972.p. 191, v. III).

Por fim, as duas festas possuem semelhanças ao desenvolvimento das festas, contudo, possuem discordâncias quanto às datas e as motivações e ligações da festa com tradições do passado.

A festa é uma fala, uma memória e uma mensagem. O lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido, e, por isso mesmo, em silêncio não festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa ao símbolo, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado (BRANDÃO, 1989, p. 8).

Este trabalho tem o objetivo de identificar, quais as características que distanciam as duas festas e ao mesmo tempo buscar semelhanças das festas, que ocorrem em duas cidades muito próximas, tendo menos de 30 km de distância entre os dois municípios.

Além disso, nos encontros de folias, mesmo aqueles produzidos exclusivamente por intermediários culturais ou que possuem palcos, infraestrutura de shows pops e outros elementos que (...) transformariam essas festas religiosas em espetáculo da indústria cultural ou em comércio mantém em seu núcleo ritual, como um dos princípios de troca, relações de reciprocidade (BONESSO, 2006, p. 328).

Outro objetivo desta pesquisa é promover cada vez mais ambas as festas para o público sergipano, em especial, aos habitantes das duas cidades, que em sua maioria, não conhecem as festas de suas localidades, e de municípios vizinhos, em especial, aos jovens desta região, que cada vez mais, com o avanço da internet, acabam tendo mais contato com eventos de grandes centros urbanos, e acabam perdendo o contato com as festividades que ocorrem em seu município, e em municípios vizinhos ou próximos, correndo risco dessas manifestações culturais acabarem se perdendo no tempo.

## **2. Festas de caretas em Ribeirópolis-SE**

A Festa de Reis em Ribeirópolis é carregada de historicidade e de significados ao longo dos seus mais 80 anos de existência. Tem uma rica e diversificada composição, desde o seu nascimento, enquanto festividade, onde segundo MOTA (2015) a festa teria surgido através da iniciativa de um fazendeiro local, chamado Robustiano Menezes, que além de ter sido um importante político local, durante o período de emancipação do município<sup>1</sup>, onde exerceu o cargo de prefeito por dois mandatos, Robustiano teve também marcada em sua história, a idealização da festa dos Caretas, onde segundo relatos orais, teria sido a festa em sua fazenda, com a participação dos próprios funcionários, na data que segue até os dias atuais, sendo realizada a festa, sempre no Domingo antes do Carnaval, porque segundo contam a localidade não havia nenhuma atração carnavalesca na época e a brincadeira surge como uma forma de levar alegria aos moradores.

A festa acontece né, uma semana antes do Carnaval, ou seja, ela tem data programada todos os anos né, essa tradição já tem mais de 85 anos, até mesmo antes de Ribeirópolis ser emancipada, foi idealizada por José Robustiano Menezes. (Entrevista com Max de Zé de Toinho, Vereador de Ribeirópolis).

Com o decorrer dos anos, a festa se manteve na mesma data, o que possibilitou que nunca tivesse impedimentos para a sua realização, já que ocorriam dias antes de um grande feriado nacional, além disso, nas datas que aconteciam à festa em seus primórdios, não existia nenhuma outra festividade na região próxima a Ribeirópolis, cada vez mais, a população participava da festa, o que acabou levando o cortejo dos Caretas, para as ruas da cidade.

A escolhas de determinados bens culturais como representativos da identidade nacional ou de determinados grupos ou etnias é sempre uma ocupação política que se traduz igualmente na escolha por um passado histórico e cultural revelador na luta pela representação da nação (CHUVA, 2015, p. 37-38)

Uma característica que é notada atualmente no decorrer da festa é que antes, em seu nascedouro ela tinha uma ligação com o seu criador, que hoje ela é sentida, está presente dentro da história local sobre a festa o nome de Robustiano Menezes é sempre citado, tanto na história política quanto na cultural, porém, atualmente a festa é realizada pela administração pública do município, representada pela Secretaria da Cultura, esta mudança

---

<sup>1</sup> Antes chamada de Saco do Ribeira, Ribeirópolis se emancipou de Itabaiana no dia 18 de dezembro de 1933.

da festa de antes, ser construída e planejada pela população local, para hoje está sendo organizada pela prefeitura, se deve a transformação da brincadeira em Patrimônio Imaterial do município através da proposta de lei aprovada por um vereador do município, além disso, a festa atualmente também faz parte do calendário estadual, como Patrimônio Imaterial e Cultural do Estado de Sergipe, a proposta de lei, foi homologado por um deputado estadual, ligado à cidade de Ribeirópolis, Georgeo Passos.

A definição de IPAC sobre patrimônio cultural imaterial, tido como ‘uma concepção que abrange as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em homenagem à sua ancestralidade, para as gerações futuras (IPAC, 2016).

Atualmente a festa dos Caretas atende um público muito maior do que nas décadas passadas, isso se deve a própria transformação da festa, onde ela através daqueles que a fazem, construíram uma mescla de identidade, cultura e de modernidade, muito já foi discutido, em outros trabalhos, sobre a aplicação de cultura de massa e de cultura popular, na festa dos Caretas em Ribeirópolis.

A cultura popular, ainda presente, atuante e identificada em elementos como a Alvorada festiva, que ainda ocorre durante a madrugada com a participação da banda de pífaros, de músicos da terra, com o uso de instrumentos artísticos que remetem a festa, a brincadeira que foi idealizada no passado, com o envolvimento de poucas pessoas na fazenda do então Robustiano Menezes.

A alvorada se dá início às 04 horas da manhã, no dia da festa, no dia dos Caretas, foi também José Robustiano Menezes o idealizador dessa alvorada, com sanfoneiros da região na época, né, e que tinha zabumba, flauta, todos esses equipamentos que fazem parte do folclórico, é, da banda de pífaros, e aí, eles se juntavam em uma fazenda aqui da região, eles se juntam né todos os dias de careta às 04 horas da manhã, e sai pelas ruas acordando os moradores da cidade né, e avisando que naquele dia é dia de careta (Entrevista com Max de Zé de Toinho (Vereador de Ribeirópolis).

Mesmo assim, a festa atual, ela se transforma a cada ano, através da sua apropriação pela cultura de massa, segundo Edvan de Jesus Santos (Filósofo e Escritor local) nos relatou em entrevista oral que: “(...) o fato de que Ribeirópolis ter aderido à cultura de massa (...) e ter colocado elementos da cultura de massa: trio elétrico, bandas, dos carnavais de Salvador, Axé, e acabou adquirindo esse status de cultura de massa”.

Dessa maneira, a festa ela se reinventa a cada ano, aderindo elementos da então cultura de massa que transforma a festividade em uma ação comercial, o que possibilita o desenvolvimento econômico do município, através do número considerável de turistas que chegam à cidade, no período da festa, como afirma BOSI, 1987, p. 11: “Nesse exato momento, o capitalismo se apropriou do folclore, ocultando o seu teor original de enraizamento”.

Ainda para fomentar essa discussão, o que buscamos neste trabalho não é a condenação dessa tomada da cultura de massa, referente aos Caretas, pelo contrario, o objetivo é valorizar o fato de a festa ter alcançado um patamar único até então na região de equilíbrio, mantendo a cultura popular viva e representada, nos elementos que a festa tem desde o seu início, no qual discutiremos alguns mais adiante, e, além disso, ter acrescentado elementos da cultura de massa, já citados e que não destroem a tradição, mas enriquecem e atraem cada vez mais participantes para a festa. Essa comprovação nós trazemos através do relato daqueles que participam da festa atualmente e que valorizam a tradição e abraçam a modernidade.

Segundo Elder Santos Cardoso (Membro da Banda de Pífaros) nos relatou em entrevista oral que: “isso faz parte da cultura de Ribeirópolis, são coisas que vai movimentar a economia do município, turistas vem pra cá porque é uma coisa que faz parte da história da cidade e é isso cara, é muito bom pra cidade”. Ainda segundo Edgar Montiel, em seu livro “A nova ordem simbólica”:

O diálogo entre as culturas não nos impede, necessariamente, de manter nossas raízes e não implica romper com nossa própria cultura e com a dos nossos antepassados, com suas tradições e seus valores. Deve-se entender que, do mesmo modo que eles se adaptaram às circunstâncias do mundo que os rodeávamos, nós também devermos abrir-nos às culturas de hoje. Somente através de um intercâmbio fluido teremos a possibilidade de encontrar novas soluções para as nossas diferenças culturais (MONTIEL, 2003, p. 41).

Uma das manifestações que foram preservadas ao longo dos anos na festa e que são remetidas ao conceito de cultura popular, é um elemento que durante o processo de entrevistas que desempenhamos com a população local, aqueles que fazem e vivem a festa dos Caretas, está sempre presente em suas memórias, como fator marcante para aquela festividade. A banda de pífaros é um elemento que está presente na festa desde o seu surgimento, enraizada ainda quando a festa acontecia na então fazenda do Senhor

Robustiano Menezes, e segundo aqueles que fazem a festa atualmente, a banda mantém viva as tradições que tinha no passado, que são duas, a princípio: anunciar o acontecimento da festa para a população local, por meio da alvorada e a condução do cortejo dos Caretas, durante a Festa de Reis.

(...) a banda de pífaro sem careta é o mesmo que o Piu-Piu sem o Frajola, então um, leva o outro, a careta sem a banda não tem, e banda sem careta também não tem, então um depende do outro, é uma coligação, é uma junção folclórica (Entrevista com Vagner Pina Santos (Vaguinho de Zé Coco, dono e líder da banda de pífaros da Festa de Reis de Ribeirópolis).

A banda de pífaros hoje ela tem uma participação ativa durante a festa, é ela que comanda o cortejo dos Caretas, através da pesquisa de campo, foi possível observar que os músicos mantêm vivam a tradição, mesmo que com o tempo, o grupo apresente mudanças, o passado ainda é preservado por aqueles que compõem a banda. Como conta o líder da banda de pífaros, Vagner Pina Santos:

(...) eu tentei e deixar o máximo possível do resgate ideal municipal e tento fazer isso é tanto que nós temos o repertório aqui, esse repertório ele retrata, as músicas, esse aqui é o nosso corpo musical, então aqui nós temos, nós retratamos músicas da antiguidade, o Luiz Gonzaga, Marinês, Claude Vagner do forró, da década de 30, até a década mais ou menos de 80 e 90, no caso não perde a tradição, a única diferença que existe hoje, é o número de integrantes e o numero de participantes que aumentou gradativamente.

Através do depoimento daqueles que organizam a banda, podemos entender que essa preservação da cultura, é importantíssimo para a manutenção do cortejo dos Caretas, da mesma forma, a própria população da cidade presa por este item da festa e como ele, assim como conta “Vaguinho de Zé Coco” em seu relato, não existe a festa sem a banda, as Caretas não estão completas sem a banda de pífaros e vice-versa. Por meio de seus relatos é possível identificar a importância da banda para a realização dessa brincadeira.

O fazer estético carnavalizador, e encontra na teoria semiótica dos signos, seus ícones, índices e símbolos, o produto da resistência que leva à persistência cultural na memória de corpos em transito. Corpos construídos do entrecruzamentos de diferentes povos e que estão em diferentes contextos históricos, transitando em buscas de opções de identificações no seio da sociedade. Sendo assim, a linguagem do corpo brincante encontra-se em todos os povos e em todas as épocas, considerando seus processos e estruturas de produção signica (LEÃO, 2011, p.37).

Contudo a festa para estar inserida no cenário estadual, como patrimônio imaterial e cultural, precisa estar conectada com aqueles que fazem a festa, e acima de tudo, precisa estar presente nas memórias daqueles que participam ou fazem a festa, tanto no passado, quanto no presente. A festa dos Caretas de Ribeirópolis se insere nesta categoria, durante a pesquisa de campo, foi possível captar vários relatos em que os próprios moradores locais, visitantes e observadores, expressaram sua ligação para com a festa, por meio de suas memórias. Como afirma Mariza Peirano, em sua obra “Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas”:

Como outros fenômenos sociais, a pesquisa de campo é, ao mesmo tempo, mito e evento histórico no desenvolvimento da antropologia. Concebida como ‘método’ por excelência da disciplina, como ‘rito de passagem’ na formação dos especialistas ou, ainda, como meramente a ‘técnica’ de coleta de dados, a pesquisa de campo é o procedimento básico da antropologia há um século (PEIRANO, 1992, p.4).

Obviamente, a pesquisa antropológica baseada no uso da História Oral para a realização desta pesquisa, só seria possível graças à preservação da memória ativa, que está presente em torno da Festa dos Caretas, não apenas daqueles que organizam a festa atualmente, ou que antes participaram de sua realização, as memórias sobre a festa está presente em todos, e são essas lembranças que serão analisadas a seguir, desse modo, buscaremos focar na memória que está em torno deste patrimônio imaterial, e como essas memórias perpassam o tempo, desde a criação da festa até hoje e assim acaba criando toda uma historicidade, toda uma cultura que envolve a cidade durante este período.

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

Uma das lembranças mais frequentes entre os brincantes que participam da festa está o sentimento de medo que alguns sentem em relação a Careta, ou a festa em si, durante a pesquisa de campo, foi possível colher alguns relatos que ajudam a expressar essa mistura de fascínio e de pavor em relação aos mascarados. Em entrevista oral, o senhor “Max de Zé de Toinho”, vereador do município, nos relatou em suas lembranças da festa, o medo que sentia quando pequeno, e como isto, se transforma em curiosidade e

fascínio na vida adulta, tornando-o um admirador da festa e um brincante como tantos outros que também partilham desse mix de sentimentos.

Então, quando eu era pequeno eu sempre tinha medo de sair aos domingos, às vezes me escondia debaixo da cama como toda criança, né, quando escutava o toque da zabumba, né, da flauta que avisava que sempre dizia ói os careta tá vindo, aí quem é criança pode ter certeza, que tem medo, né, mas assim depois que eu cresci, acho que tem mais de 20 anos que eu acompanho os caretas e hoje eu acho a melhor festa da cidade, por ser uma festa, que traduz a cultura do município de Ribeirópolis, eu acho que no estado de Sergipe, hoje não tem nenhuma festa parecida com essa, dos caretas, só aqui a de São Miguel do Aleixo, e quem é de Ribeirópolis sabe quanto é bom viver esse dia de Domingo quando chega o dia das Caretas (Entrevista com Max de Zé de Toinho (Vereador de Ribeirópolis)).

As lembranças de outra hora podem relatar medo, pavor, angústia, mas ao serem recuperadas no presente, acontece uma mistura de alegria e de saudade do passado, essas memórias se reconstituem no presente, formando um novo entendimento do passado, o fato é o mesmo a ser lembrado, ele é imutável, porém, nossa percepção dele se altera com o passar do tempo, nosso amadurecimento pessoal ao longo da vida, transforma assim, nossa análise do fato.

A função da lembrança e conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (BERGSON, 1959, p. 253).

Uma das explicações para o temor em cima dos brincantes dos Caretas se deve ao uso da máscara, durante a festa, essa tradição remota ao período clássico da Grécia Antiga, onde segundo a historiografia relata, o uso de máscaras faziam parte de um ritual sagrado, em homenagem ao Deus Dionísio, como uma forma de culto, as pessoas cobriam seus rostos com máscaras e dessa forma, suas identidades eram ocultadas, para que assim, pudessem expressar toda a histeria acumulada durante aquele período festivo, ao final, o brincante retirava sua máscara e aquele comportamento de desordem era encerrado junto com a cerimônia.

Através da máscara que lhe confere sua identidade figurativa. Dionísio afirma sua natureza epifânica de deus que não para de oscilar entre a presença e a ausência. É sempre um estrangeiro, uma forma para ser identificado, um rosto para ser descoberto, uma máscara que o esconde tanto quanto o revela (DETIENE, 1988, p. 23).

Existem várias outras explicações históricas acerca do uso da máscara para fins ritualísticos como os que acontecem em cerimônias ligadas a religiões de matriz africana, onde segundo a historiografia, o uso da máscara estaria ligado à recepção da alma, a máscara serviria como um receptáculo para a alma que se “hospedaria” no corpo do brincante, durante o período da cerimônia.

Podemos admitir que, na Grécia e na Ásia Menor, a prossopa antes de chegar a elemento da comédia, tivesse uma função daimônica, iniciática e religião (...) Mas, quanto às máscaras africanas e asiáticas, temos por certo mediante os estudos de antropólogos como Jorge Dias (para o caso dos Marcondes) e Mário Milheiros e José Reidinha (para o caso das tribos angolanas), que elas têm uma função daimônica, mediúnica e salutífera, mediante a feitiçaria médica. A máscara é o sinal de que o seu utente não é aquela pessoa, mas o espírito que, pela máscara, ela reveste (TIZA, 2006, p. 15-16).

Contudo as lembranças da festa dos Caretas ligadas ao terror, não estão apenas ligadas ao uso da máscara pelos brincantes, o temor que algumas pessoas cultivavam na infância em relação ao dia da festa, também está conectado aos instrumentos musicais que eram usados na Alvorada e durante o cortejo pelas ruas da cidade, a música que era tocada pela banda de pífaros, com o uso de flautas, zabumbas e triângulos que compõe a festa. Estes instrumentos e os seus sons também estão inseridos nas memórias acerca da festa e que foram registrados durante a pesquisa de campo, para este trabalho, através desses relatos, pôde-se compreender que aqueles que realizam a festa estão ligados à memória afetiva do povo, não somente os Caretas, mas todos que realizam a festa, inclusive a banda de pífaros, que se mantem presente e ativa desde a criação da brincadeira.

(...) eu particularmente considero, a música, os instrumentos, os componentes, o resgate cultural, tudo por igual, eu sou apaixonado por cultura, sou extremamente apaixonado por cultura, e agora, o que mais e recorda, disso tudo, a minha é só, eu estava me lembrando, às vezes quando eu dormia só e eu ouvia o som da zabumba caseira, então é um som macabro, é um som tenebroso, e isso me assustava, que até hoje, mesmo eu liderando a banda, sendo dono da banda da sociedade, eu não esqueço nunca do som da zabumba então isso pra mim me marcou e é o instrumento caseiro, ele é um som desafinado, um som grave, e dali se sai um som tenebroso, apocalíptico, e isso eu não esqueço de forma alguma, então a única coisa que me marcou foi o som da zabumba, com o som da gaita na alvorada, das 04 da manhã (Entrevista com Vagner Pina Santos (Vaguinho de Zé Coco, dono e líder da banda de pífaros da Festa de Reis de Ribeirópolis).

Portanto, o que podemos absorver acerca da festa dos Caretas de Ribeirópolis, é que através dos elementos que compõe este patrimônio imaterial sergipano, as memórias afetivas e até mesmo sombrias se formam em torno, do evento, das pessoas que fazem a festa, das que participam. Segundo DURKHEIM, 1996, p. 417-418: “o rito, portanto, só serve e só pode servir para manter a vitalidade das crenças, para impedir que elas se apaguem das memórias, ou seja, em suma, para revivificar os elementos mais essenciais da consciência coletiva”. São por meio dessas memórias que a festa se reinventa, se conserva para que a cada ano, cada vez mais novas memórias sejam construídas e assim, o patrimônio possa ser então preservado e mantido com a tradição do passado e as reinvenções do presente que não o destroem, apenas o transforma.

### **3. Festas de caretas em São Miguel do Aleixo-SE**

São Miguel do Aleixo é uma cidade do agreste sergipano, localizada entre os municípios de N. S. Aparecida, N. S. das Dores, Feira Nova e N. S. da Glória. A cidade foi fundada em 1963, tendo 57 anos de existência. Em sua história, um dos patrimônios imateriais da cidade, é a Festa dos Caretas, que ocorre no final da Quaresma, para a religião católica, da madrugada da Sexta-feira da Paixão até a noite do Sábado de Aleluia.

A festa dos Caretas da cidade de São Miguel do Aleixo, além dessa característica única dentro do estado de Sergipe, de ocorrer dentro de uma semana fortemente ligada ao catolicismo, ela reúne elementos únicos que se associam a Semana Santa, como a Queima do Judas, a Leitura das Heranças, e, além disso, a festa também reúne elementos do folclore popular, como O Boi de reisado e o Jaraguá, o Pau-de-sebo, além de outras brincadeiras populares que ocorrem durante a festa na cidade.

Na alvorada também tem, dois elementos folclóricos, apenas existentes em São Miguel do Aleixo, que é o boi, o Boi de reisado e o Jaraguá que possivelmente é de outra manifestação folclórica do norte do país. (...) após a alvorada, na tarde tem as Caretas e quando termina as Caretas, existe a Queima do Judas (Entrevista com Edvan de Jesus Santos (Filósofo, escritor local e um dos organizadores da festa das Caretas de São Miguel do Aleixo/SE).

No decorrer deste trabalho, discutiremos a criação da Festa dos Caretas do Aleixo, baseando-se na pesquisa de campo, utilizando fontes orais, que foram reunidas por meio de pesquisa antropológica, através de entrevistas com moradores locais e com aqueles que fazem a festa atualmente. Segundo COLLINGWOOD (1993, p. 234-235): “(...) a história é, então, a crença (the believing) em alguém quando ele diz que se lembra de algo. Aquele que acredita (the believer) é o historiador; a pessoa em que se acredita é chamada de sua autoridade”. Além disso, será utilizado como base para este trabalho, a entrevista feita com o Fundador da Festa dos Caretas em S. M. do Aleixo, o senhor Humberto de Souza.

Nesta pesquisa, iremos destacar o início da festividade, suas mudanças ao longo do tempo, problematizando os elementos que compõe a festa, em especial a Queima do Judas, que é o elemento que diferencia a festa de outras manifestações dos Caretas dentro da região. Buscaremos discutir, por meio das fontes orais recolhidas, discutir a existência da festa, dentro da Semana Santa, destacando a Queima do Judas, como elemento principal deste patrimônio imaterial da cidade.

(...) el patrimonio significa herencia viva que confiere sentido de continuidade, dado que vincula las generaciones anteriores com las posteriores. El valor patrimonial deriva de su capacidade como referente de um modo de vida (ARÉVALO, 2014, p. 4).

No inicio da década de 70, segundo o que a oralidade local conta é que já existia a brincadeira dos Caretas em povoados próximos a cidade de São Miguel do Aleixo, numa localidade chamada Patos, que é povoado de S. M. do Aleixo, além de acontecer em outro povoado próximo, mas que pertencia a N. S. das Dores. A brincadeira dos Caretas já ocorria muito antes da cidade de S. M. do Aleixo ser formada, até que segundo o próprio criador da festa no município, o senhor Humberto de Souza, durante sua juventude, juntamente com alguns amigos da cidade, ele reuniu os brincantes, produziu as máscaras que foram usadas na brincadeira, com sacos de farinha, costurando tecidos para formar o rosto da Careta, e desse modo, com poucos colegas de inicio, segundo o entrevistado, no dia 14 de abril de 1971, a festa teve sua primeira edição.

Contudo a brincadeira dos Caretas, é apenas um elemento da festa que ocorre no Sábado de Aleluia, desde as suas primeiras horas, com a Alvorada que ocorre durante toda a madrugada, juntamente com os elementos do folclore popular, e ao final do dia, tem a Queima do Judas, e a Leitura das Heranças.

Nessa parte, é que também acontece à leitura das Heranças, que as pessoas deixam em forma de brincadeira, algum produto que não serve mais para alguma pessoa, então é dessa forma que acontece a festa, aqui na cidade, o final da festa é com a queima do Judas, o pau-de-sebo, e a leitura das heranças, as heranças ficaram muito tempo sem ser encenado, serem ditas, mas no ano passado, foram retomadas (Entrevista com Edvan de Jesus Santos).

Segundo o próprio fundador da festa, os Caretas são realizados no Sábado de Aleluia, porque nas povoações que aconteciam à brincadeira, como nos “Patos e no Capunga”, também ocorriam na mesma data, ela só foi transportada para a cidade do Aleixo, que já praticava a queima do Judas na mesma data, a própria população da cidade, muito católica, por conta própria já realizava a Queima do Judas, naquela data especial. Segundo LEOPOLDI, 1978, p. 21: “(...) não só as manifestações de caráter religioso, mas também as que não possuindo conotação religiosa são suscetíveis de expressar aspectos cruciais da estrutura da sociedade em que ocorrem”. Unido da Leitura das Heranças, outra cerimônia ligada ao Judas, que sempre ocorre logo após a queima do boneco. o que acabou

ocorrendo segundo aqueles que fazem a festa atualmente foi uma fusão das duas festividades.

Atualmente a festa é considerada pelo estado de Sergipe, como Patrimônio Imaterial e Cultural de Sergipe, estando inserida no calendário de festividades culturais sergipanas, organizada pela Secretaria Estadual da Cultura, dessa maneira, a festa está cada vez mais preservada para que possa ser aproveitada pelas próximas gerações. Através da lei nº 8025, da autoria da Deputada Estadual Maria Mendonça, que foi homologada recentemente, em 2019.

Assim como acontece com outras festividades parecidas que ocorrem na região de Sergipe, a festa dos Caretas do Aleixo, nunca sofreu alterações em sua data de realização, segundo os organizadores da festa, desde o início até os dias atuais, a festa ocorre no Sábado de Aleluia, tendo a incorporação de outros elementos ao longo do tempo.

A Alvorada foi se tornando maior a cada ano, foi incorporado o boi-de-reisado e o Jaraguá a festa, durante a Alvorada, esses dois elementos vagam pela cidade juntamente com os tocadores que visitam todas as ruas da cidade, parando em casas de conhecidos para que possam tocar músicas folclóricas, dizeres populares, em troca de bebidas ou de dinheiro, a alvorada se inicia, logo após a virada da meia-noite, quando já é o Sábado de Aleluia, e se estende até as primeiras horas do dia, por volta de 06 horas da manhã.

A alvorada, a gente se reuni a noite, faz dez litros de batida, cachaça limpa, com limão, com laranja, tira o suco, e faz dez litros de batida, com açúcar, e nós sai pelas porta do povo, nós roda a rua toda, a cidade toda, em cada casa a gente para, ai canta, tira um trovadorzinho aqui, dão um litro de bebida, nó bota no saco, sai daquela casa, vai para outra, todo mundo, gente como a pentha (...) a madrugada toda, de 12:10 da noite até 6 da manhã, e quando dá 6 da manhã, a gente para. É o dia todo de festa, esse dia é liberado pra fazer zuada na rua (Entrevista com Humberto de Souza (Criador da Festa das Caretas de São Miguel do Aleixo/SE).

Logo em seguida, segundo os organizadores da festa, acontecem algumas brincadeiras populares que são organizadas pela própria comunidade, ao longo de toda a manhã, corrida do ovo, corrida de saco, algumas atividades que são feitas visando às crianças. Pelo período da tarde, acontece o Cortejo dos Caretas, pelas ruas da cidade, uma característica importante, que é preservada na festa, desde os seus primórdios, é o fato do grupo de Caretas saírem em todos os anos, do Povoado Patos, assim como ocorria nas suas primeiras edições, ainda na década de 70.

Durante o cortejo, assim como ocorre na cidade vizinha Ribeirópolis, acontece o tradicional mela-mela, os brincantes transvestidos de mulheres, a banda de tocadores acompanhando o cortejo, ao som da zabumba, da flauta e de outros instrumentos, com uma exceção a outras festas, que é o Judas sendo carregado pelos moradores locais, ele é exposto na praça da cidade, e ao final do Cortejo, ocorre a Queima do Judas, logo após tem a Leitura das Heranças, os moradores organizam a leitura, com a doação de itens para alguns cidadãos da cidade, com um tom de brincadeira, as heranças são lidas para toda a população, envolvendo boa parte da cidade.

Segundo TERRIN, 2004, p. 93: “Ora o sacrifício – e o rito enquanto tal, num segundo momento – teria a função de remediar a situação original, de eliminar as relações de tensão, os dissensos, as invejas, as brigas, trazendo de volta a harmonia à comunidade.” A festa se encerra com o Pau-de-sebo, onde segundo o organizador, os brincantes tentam tirar uma quantia em dinheiro do alto de um mastro, quem conseguir alcançar o prêmio vence a disputa.

A festa dos caretas de São Miguel do Aleixo, apesar da grande quantidade de visitantes que segundo os organizadores sempre se reúnem na cidade, durante a semana santa, esperando o dia da festa, ela nunca sofreu alterações para que fossem visados grandes públicos, transformando-se em uma cultura de massa, apesar do caráter turístico muito forte que a festa apresenta atualmente, principalmente após sua transformação em patrimônio imaterial e cultural do estado, a chamada cultura popular é mantida intacta na festa, muito pela influencia de seu organizador e criador, que mantém viva e preservada a cultura local intacta.

Após o comentário referente ao modo em que a festa foi elaborada, passando por suas mudanças ao longo dos anos, para até a festa atual. Iremos agora discutir, sobre o objeto de estudo que provocou esse estudo, a Queima do Judas, ao final da Festa dos Caretas. Durante a explanação referente a esse ritual, buscaremos explicar os motivos pelos quais, esse ritual extremamente ligado a fins religiosos, na cidade de São Miguel do Aleixo, ela está ligada a festa dos Caretas, que tem ligações ancestrais com rituais pagãos.

Ela já acontecia nessa data, não tem assim nenhum registro que fale dela em outra data que não fosse essa. Mas, pelo que se fala, essa data ela teve essa forma próxima a esse calendário das festas católicas, dos feriados católicos, por conta desse processo de queima do Judas, que era um elemento cristão, manifestado com esse elemento pagão (Entrevista com Edvan de Jesus Santos).

Como já foi dito, antes de existir a festa dos Caretas, na cidade de São Miguel do Aleixo, a prática da queima do Judas, já era recorrente pela comunidade local, durante a semana santa, no sábado de aleluia. Conforme PEIRANO, 2003, p.10: “Consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo”. Esse ritual popularmente católico, é realizado como uma forma de punir, o então apóstolo Judas, por sua traição, ao entregar Jesus Cristo aos Romanos, segundo MATEUS 27:3-5, por um valor de 30 moedas de ouro. Ao perceber o tamanho do seu pecado, teria devolvido a quantia e em seguida, se enforcou.

O intuito desse ritual sempre foi de condenar a imagem de Judas, o Traidor, perante a comunidade católica local, antes da queima, há sempre a chamada “malhação”, onde as pessoas “malham o Judas”, ou seja, fazem uma série de agressões ao boneco, fazendo uma relação direta, ao que segundo os próprios, fariam com o Judas, após ele ter traído a Cristo.

O desejo de violência é dirigido aos próximos, mas como ele não poderia ser saciado à sua custa sem causar inúmeros conflitos, é necessário desviá-lo para a vítima sacrificial, a única que pode ser abatida sem perigo, pois ninguém irá desposar sua causa (GIRARD, 1998, p.26)

Na cidade do Aleixo, essa prática de malhação do Judas e logo em seguida, a queima do boneco, é comum a todas as outras tradicionais cerimônias em que se pratica a Queima do Judas, dentro da Semana Santa, especificamente no Sábado de Aleluia, que antecede o Domingo de Páscoa. Lá também se pratica a malhação, como uma forma de punir o Judas perante a traição cometida, em seguida ocorre à queima do boneco, considerada pelo organizador da festa, o senhor Humberto de Souza, de vingar Cristo perante a traição que ele sofreu do apóstolo renegado.

Aqui a gente queima o Judas, porque ele não judiou o nosso senhor, nosso senhor não foi vingativo, então nós queima ele, nós faz ele, bunitinho tudo, e quando chega lá, nós judeia, suspende, joga no chão, nós Judeia muito também, depois nós bota fogo nele, Jesus não foi vingativo, mas a gente toca fogo nele, o Judas é danado (Entrevista com Humberto de Souza).

Contudo existem algumas características na Queima do Judas na Festa dos Caretas de São Miguel do Aleixo, que a diferem de outras cerimônias que possuem a mesma temática, no Sábado de Aleluia. Durante a pesquisa de campo, realizada para a elaboração

deste trabalho, reunimos várias informações da festa, junto aos seus organizadores, não apenas sobre o dia específico no qual a festa é realizada, mas também sobre a preparação que ocorre antes do dia da festa.

Uma dessas preparações que ocorrem, é a confecção do boneco, que será queimado no Sábado de Aleluia, segundo o relato dado pelo senhor Humberto de Souza e de Edvan de Jesus Santos, no Domingo antes da festa, em um sítio particular, reúnem-se as pessoas que irão confeccionar o boneco, juntamente com amigos, observadores e pessoas da comunidade que participam da festa. Naquele momento, o sentido do boneco muda, deixa de ser algo relacionado à religião, a Semana Santa, e passa a ser um catalisador que faz surgir dentro da comunidade, um momento de confraternização, de brincadeira, como é relatado em entrevista.

(...) tem a feijoada, no domingo, antes, porque aí a gente faz o Judas, é tanta gente lá, e a turma tocando a zabumba, os carro de som, os tacho de feijoada, mocotó, bucho, tem de tudo, o prefeito vai, os vereador vai, o padre um ano foi lá, quem gosta da festa vai, e é um negocio de paz, pode ir mulher, moça, menino, nós veio brincar, e se for pra brigar, pode ficar da cancela pra lá, e graças a deus, não tem briga nenhuma (Entrevista com Humberto de Souza).

Contudo, a festa além desse caráter religioso, ligado a Queima do Judas, ela também está ligada a memória popular, como uma construção que perdura desde a década de 70, até os dias atuais. A lembrança que a população tem daquela festa, é o que a torna um patrimônio estadual e principalmente o que permite que a festa seja preservada, como uma forma de cultura tradicional da cidade, sem que haja transformações ao decorrer dos anos, que por questões turísticas, possam tornar a festa um evento de cultura de massa, conforme acontece em festas similares, como é o caso da Festa dos Caretas na cidade de Ribeirópolis, que fica a menos de 30 m de São Miguel do Aleixo. Em termos de preservação da cultura da festa dos caretas e da queima do Judas, esses ritos são preservados, graças à própria população da cidade, que entende que deve ser dessa forma.

(...) muita gente já me perguntou se vai ter a festa das caretas, gente de Aracaju, se vai ter a festa, e não acaba de jeito nenhum, e já pedi aos meus meninos, quando eu morrer, é pra vocês continuar a festa, vai passando de um pro outro e a festa é boa, e eu gosto, todo mundo aqui gosta, e se disser que não vai fazer a festa, você vê nego ai esculhambar (Entrevista com Humberto de Souza).

Contudo, a festa dos Caretas, também é carregada de lembranças quanto à alvorada, ao boi de reisado, ao Jaraguá, mostrando que os próprios moradores do local, entendem que aqueles elementos que estão inseridos na festa, precisam e devem ser conservados, por que eles representam a cultura da cidade, a história do município e também expressa os valores daquela comunidade.

(...) a daqui é ainda melhor que a de Ribeirópolis, porque aqui é realmente uma cultura, uma tradição, e assim, na questão das apresentações tem mais coisas, tem o Judas, tem o Jaraguá, tem o boi-bumbá, tem tudo, e lá não, só tem o cortejo das caretas e aqui não, tem a alvorada, lá não tem, tem a alvorada na meia noite (Entrevista com Samuel da Costa (Bisneto de Robustiano Menezes – criador da festa das Caretas de Ribeirópolis/SE).

Ainda sobre a memória coletiva acerca da festa é possível notar através dos relatos daqueles mais velhos que existiram mudanças ao longo do tempo, em relação ao comportamento que tem os brincantes fantasiados de Caretas, durante o cortejo, no Sábado de Aleluia. É possível observar durante os relatos que os brincantes tinham algumas práticas durante a festa, que em condições normais seriam entendidas como atos violentos ou até inapropriados para uma festa, que recebe pessoas de todas as faixas etárias, de crianças até mais idosas.

Minhas lembranças, a mais antiga que eu tenho é de quando eu era pequeno, se eu não tiver enganado as Caretas ainda tinham uns cipós, até na época que eu era novo, tinha medo de sair de casa, por conta dessas Caretas, eu pequeno com seis ou sete anos, mas eu não saía de casa por conta dessa forma que as Caretas era (Entrevista com Edvan de Jesus Santos).

Contudo, a memória coletiva, não define, por meio dos relatos, que tais comportamentos como, por exemplo, as caretas andarem com vassouras velhas nas mãos, ou até mesmo outros instrumentos que em festas normais, poderiam até ser entendida como armas em potenciais, entretanto, a memória coletiva não relata que houveram problemas relacionados a esses instrumentos usados pelas Caretas, em outrora, mas que talvez, pelo envolvimento atual, de forças policiais, que na atualidade, desempenham um papel de vigilância e monitoramento durante o decorrer da festa, essas características foram aos poucos desaparecendo.

A memória coletiva referente à festa, além de mostrar essas pequenas mudanças ao longo do tempo, em relação aos Caretas, ela também demonstra em relação aos seus

brincantes, uma relação afetiva que eles têm a festa, em seu nascedouro, como a festa que tinha um papel social, na época, de proporcionar um pouco de lazer a comunidade local, e até hoje, demonstra essa característica como é demonstrado, nestes dois relatos, de diferentes épocas, mas que atendem a mesma importância que a festa tem, para com a comunidade de São Miguel do Aleixo, e de regiões próximas.

Naquele tempo, a gente não tinha diversão, aqui era povoado, era mato, não era cidade, quando a gente via um negocio desse, ave maria, era uma alegria braba. A gente quando dizia era sábado de aleluia, quem saia, quem saia pela estrada, pá topar com umas caretas pela estrada (...) naquele tempo, pra gente, era uma alegria da pentha, que não tinha outra diversão, a diversão era aquela, Que era bonito mermo, quando dizia assim é sábado de aleluia, tinha tanta gente no Aleixo, olha sábado de aleluia tinha a brincadeira aqui, sexta-feira da paixão, quinta-feira maior, você pode vir pra ver o movimento aqui, movimento da pentha, e sexta-feira é cheio ai, porque a turma gosta (Entrevista com Humberto de Souza).

Ao mesmo tempo, a festa atual, pode ser comparada com outras festas similares que ocorrem na região do agreste sergipano, contudo, como existem elementos importantes na festa, que revelam o seu caráter único, se comparada a outras festividades dos Caretas. São essas especificidades que tornam a festa única em seu caráter cultural, religioso e regional. Um patrimônio imaterial que precisa ser preservado, compreendido, pela comunidade sergipana, pois, segundo os próprios moradores da cidade de São Miguel do Aleixo, a festa dos caretas foi, é e será importante para a conservação da cultura local.

A festa é a mesma coisa que continua hoje, uma mudança assim só de evento, que tem, é uma festa que envolve muita gente, todo mundo gosta de ir, de brincar, muitos saia daqui e ia pos povoado, passava pelos povoados, passava nos caminhão, a gente ficava com medo, pedia dinheiro, não deixava entrar em casa, a gente achava engraçado, bonito, mas ao mesmo tempo, nós tinha medo, hoje não, hoje a gente faz questão, de ta no meio pra se melar, é igual um carnaval, faz de conta que é um carnaval aqui na cidade fora de época, muito bom mesmo (Entrevista com Samuel da Costa).

## **Conclusão**

As festas dos Caretas que ocorrem nas cidades de Ribeirópolis e São Miguel do Aleixo, como já foi dito, apresentam características únicas que as diferem de outras festas semelhantes ao redor do Brasil.

Contudo, aqui nesta pesquisa foram apresentadas algumas destas especificidades como a transformação que a festa de Ribeirópolis teve ao longo do tempo, deixando uma cultura popular para se tornar uma cultura de massa, porém essa mudança, que foi notada durante a pesquisa, atualmente não causa efeitos negativos à festa, pelo contrário, a festa nos últimos anos tem alcançado cada vez mais, novos públicos, não só do município de Ribeirópolis, como das regiões próximas.

Essa nova fase da festa que a cada dia, está mais forte e mais consolidada no cenário estadual como um autêntico patrimônio do estado, deve-se em muito ao tombamento da festa em Patrimônio Imaterial do Estado de Sergipe, tendo sido inserida no Calendário Oficial de Eventos do Estado de Sergipe, após esse fato, a festa ganhou novas perspectivas, juntamente com a própria comunidade local, que acolheu a festa novamente e que a cada ano, está mais forte, consolidada e preservada.

A respeito da festa dos Caretas de São Miguel do Aleixo, traz em suas características, uma série de eventos únicos que foram aqui registrados, entre eles, o que nos foi utilizado como objeto de análise, foi à malhação do Judas, que ocorre na festa após o cortejo dos Caretas, graças à pesquisa de campo, podemos chegar à conclusão que a queima do Judas ocorria na região do município do “Aleixo”, muito antes do início dos cortejos dos Caretas, o que foi apurado através dos relatos orais, foi que ocorreu uma união entre o cortejo e a malhação do Judas, que por escolha dos moradores na época, foram realizadas na mesma data.

Essa afirmação é comprovada através do relato de Edvan de Jesus Santos, concedido em entrevista oral: “nunca ficou sem queimar o Judas, a tradição da queima do Judas é forte, ela se sobrepõe as outras”, o que sustenta nossa afirmação que durante a festa na cidade de São Miguel do Aleixo, ocorrem vários outros elementos durante o dia festivo, mas pode se afirmar que a queima do Judas, é tão importante para a comunidade, quanto o cortejo dos Caretas. A especificidade da festa no “Aleixo” permite que estes dois elementos tenham uma importância igual, durante o decorrer da festa ao longo dos anos em que foi realizada.

Por fim, merece ser destacado, que as conclusões que aqui chegamos acerca da pesquisa, é que este artigo não deve ser interpretado como um trabalho que encerra a possibilidade de novas perspectivas acerca do tema, inclusive, durante a pesquisa, chegou-se a conclusão que existem possibilidades em novos temas de pesquisa que estão ligadas aos Caretas em ambas as festas, no caso de Ribeirópolis, a existência da banda de pífaros e como ela é parte fundamental da memória popular da cidade no tocante a festa. No caso de São Miguel do Aleixo, a maneira como ocorre a Alvorada, o modo como a população à enxerga como algo até mais atrativo do que o próprio cortejo, deve-se em um futuro próximo ser retomado como objetos de pesquisas, pois os dois elementos aqui citados, são riquíssimos em cultura popular, tradição e em um futuro próximo, devem ser retomados em novas pesquisas acadêmicas.

## **FONTES E REFERÊNCIAS**

### **ENTREVISTAS**

Elder Santos Cardoso (Membro da Banda de Pífaros e funcionário dos Correios na cidade de Ribeirópolis). 16/02/2020

Ney Max Santana Oliveira (Vereador do Município de Ribeirópolis e Autor da Lei municipal que transforma o Grupo Folclórico “Os Caretas” como Patrimônio Imaterial e Cultural de Ribeirópolis). 14/02/2020

Vagner Pina Santos (Vaguinho de Zé Coco, dono e líder da banda de pífaros da Festa de Reis de Ribeirópolis). 16/02/2020

### **BIBLIOGRAFIA**

ARÉVALO, Javier Marcos. **Gazeta de Antropologia**. Vol. 26, nº 1, 2010.

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília; Editora Universidade de Brasília, 2008.

BERGSON, Henri. *Matière eyt mémoire*, in Henri Bergson, **Oeuvres**, Paris: PUF, 1959.

BONESSO, Márcio. **História e Perspectivas**, Uberlândia (34): , jan.jun.2006;

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, E. **A Sabedoria popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CASCUDO. Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2002.

CHUVA, Márcia. Da referência cultural ao patrimônio imaterial: introdução à história das políticas de patrimônio imaterial no Brasil. In: REIS, Alcenir Soares dos; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (Org.). **Patrimônio Imaterial em Perspectiva**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, p. 37-38.

COLLINGWOOD, Robin George. **The idea of history. Edited with an introduction by Jan Van Der Dussen.** Oxford: Clarendon Press, 1993.

DEBRET, Jean-Baptiste, 1768 – 1848. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.** – tradução e notas de Sérgio Milliet, notícia biográfica de Rubens Borba de Moraes. São Paulo, Martins, Ed, da Universidade de São Paulo, 1972. Tomo II, volume III.

DETIENNE, Marcel. **Dionísio a Céu Aberto.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. Tradução Carmem Cavalcante, 1988.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações.** Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de passagem.** Petrópolis: Vozes, 1977.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 2. ed.

IPAC. **Patrimônio Imaterial: Bens Registrados.** Salvador: IPAC, 2016.

LEÃO, José Antonio Carneiro. **Saber Brincante: cosmovisão e ancestralidade como processo educativo.** Tese de Doutorado, 2011. FACED, UFBA, Salvador, 2011.

LEOLPODI, José Sávio. **Escola de samba, ritual e sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1978.

MAZOCO, Eliomar Carlos. **O congo das máscaras,** editora da UFES, 1993.

MONTIEL, Edgar. A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização. In: SIDEKUM, Antônio (org). **Alteridade e multiculturalismo.** Ijuí: ed. Unijuí, 2003.

MOTA, Elisângela Barreto. **Os Caretas: preservando o patrimônio imaterial de Ribeirópolis por meio das novas tecnologias.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

PEIRANO, Mariza. **Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas.** Brasília; ed. UnB; 1992.

\_\_\_\_\_. **Rituais, ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

PEREZ, Lea Freita. **Dionízio nos trópicos:** festa religiosa e barroquização do mundo – por uma antropologia das efervescências coletivas. Espaço virtual da internet: comunidade virtual da antropologia, 2003 (textos publicados).

TERRIN, Aldo Natale. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade.** São Paulo: Paulus, 2004.

TIZA, António Pinelo; FERREIRA, Hélder, CALVO, Bernado; ALVES, Oriana. **Máscara Ibérica,** vol. 1, Caiotim, 2006.